

conheceu Einstein em Berlim, e Einstein tentou explicar-lhe suas teorias, não teve paciência para ouvi-lo: "Quando ele me disse que luz era matéria, minha cabeça começou a girar e despedi-me." Pois o moderno pensamento científico que colore as especulações de Valéry libertou-se da concepção de leis inelutáveis da Natureza, de inexoráveis cadeias de causa e efeito. Valéry discute, num dos seus ensaios mais interessantes, a opressão e o pânico sentidos por Pascal em sua visão — visão típica da imaginação científica do século XVII — dos abismos silentes do espaço. Tais imaginações levaram Pascal à devoção fanática; concepções equivalentes, dois séculos mais tarde, levaram Anatole a um hábito de desespero que veio a neutralizar e invalidar, em grande parte, suas esperanças quanto ao futuro da sociedade humana. Para Pascal e Anatole, igualmente, o Homem parecia ignominioso e insignificante. Mas Valéry pode rir de ambos: já alcançou as primeiras luzes de uma idade em que nosso crescente conhecimento do universo terá vindo alterar "não apenas nossas idéias, mas também algumas de nossas reações imediatas" e "aquilo que se poderia chamar de 'reação de Pascal' será uma raridade e uma curiosidade para psicólogos". O Homem não mais há de ser um minúsculo exilado, a debater-se, em meio à vastidão do espaço, contra a matéria: aquilo que tem estado a considerar como sua alma, como possessão exclusiva de seres humanos, é algo vinculado a essa natureza exterior que costumava encarar como inanimada ou alheia; e sua mente, que até então parecera tão débil quanto uma centelha fosforescente num oceano de trevas, revela-se a construtora de seu próprio universo.

É particularmente esclarecedor comparar o M. Teste de Valéry com a mais célebre criação de Anatole, M. Bergeret, da *Histoire Contemporaine*. M. Bergeret é um ser social, polido, agradável, que gosta de companhia: embora tristemente apoquentado, na comunidade em que vive, por muitos elementos que sente serem hostis ou indesejáveis, os interesses comuns de tal comunidade e a civilização que representa são o que lhe impera no íntimo. Está ele sempre a discutir essa civilização com seus vizinhos, e quando surge uma questão política importante, toma posição de modo imediato e positivo. M. Teste, entretanto, vive fora da sociedade; quase logrou desprender-se totalmente das relações humanas: "Ele não sorria, não dizia bom dia e nem até logo; e parecia não ouvir o como vai dos outros." Vai deitar-se e dormir, em presença de um convidado, e o efeito que causa sobre Mme Teste é o de fazê-la sentir-se não-existente.

É mal-educado, metido consigo próprio, austero; os psicólogos modernos provavelmente fariam um diagnóstico de introvertido, narcisista e maniaco-depressivo.

De modo geral, pode-se dizer que o vigor da geração de Anatole France era o vigor advindo de amplo conhecimento dos assuntos humanos, de interesse congenial pelos seres humanos, de contacto direto com a opinião pública, e de participação na vida pública através da literatura. O vigor do trabalho solitário e da severa introspecção é o vigor de Valéry.